

Idéias em debate

Educação e desenvolvimento industrial

PAULO ERNESTO TOLLE

Educar é desvendar, abrir caminhos, desenvolver faculdades; é ensinar a aplicar a inteligência para aprender.

Desenvolver é fazer crescer. Tendo-se por assentado que entre o Bem e o Mal escolheu-se a busca do primeiro, desenvolver é fazer que progrida, que aumente e — mais que tudo — que melhore. Entre os muitos fatores de crescimento de uma criança, contribuindo para torná-la mais culta e mais apta e torná-la melhor, concorre a educação. Assim também entre os muitos instrumentos do crescimento de um país deve a educação contribuir para maior rendimento dos fatores de produção e para que do desenvolvimento se beneficie todo o povo, numa sociedade melhor.

Industrialização foi o caminho — não lhe discuto méritos e desacertos — escolhido para o desenvolvimento do país. E industrialização pressupõe cada vez mais diversas e mais complexas técnicas de produção, a exigir mão-de-obra cada vez mais preparada. Por outro lado, o progresso científico e tecnológico desencadeia transformações em todos os setores — cultural, político, econômico — da sociedade, e esta, para subsistir, precisa de cidadãos educados cada vez mais e melhor.

É difícil a escolha de ângulo do qual tratar o tema de tamanha riqueza de aspectos, já examinados em profundidade e extensão por tantos mestres — educadores, economistas, cientistas políticos. A mera citação de algumas de suas lições reclamaria espaço maior que o ora disponível.

Vejo a educação como processo amplo e continuado em que o ensino, do pré-primário à pós graduação, é apenas um ingrediente; e desenvolvimento industrial, entendido como parte de um todo que reclama crescimento equilibrado de múltiplos setores. Porque — e talvez se trate de deformação profissional de velho professor — acho que o que se deve almejar é o desenvolvimento sem adjetivos, para o qual contribua o que se deve almejar é o desenvolvimento sem adjetivos, para o qual contribua uma educação sem adjetivos. Do povo, educado, o desenvolvimento decorre, natural. Mas, o tema proposto focaliza uma das forças que promovem o desenvolvimento — a indústria — e por isso, devo cingir-me a tratar do assunto a partir da perspectiva em que hoje me situo — a de responsável por um Departamento do Serviço gerido pelo empresariado industrial para a educação para o trabalho, o Senai.

Se nos limitássemos a contemplar o momento vivido pela indústria brasileira, não poderia deixar de impressionar-nos o forte e repetido clamor que dela se levanta, demandando mão-de-obra qualificada com que enfrentar o "aquecimento" da economia nacional. Criatura da indústria, o Senai

não pode negar, nem tem negado, colaboração relevante para a emergência. Em todas as suas escolas e centros de formação profissional, em unidades móveis e em treinamentos que faz nas próprias empresas, prepara rapidamente para um posto de trabalho. Assim atende, com as limitações de seus limitados recursos financeiros e de pessoal, esses reclamos imediatos do parque industrial. Mas procura desincumbir-se dessa tarefa sem comprometer sua filosofia educacional — a da educação para o desenvolvimento da indústria brasileira.

Esta é a missão primeira do Senai, e só em escola se pode cumprir, pois as atividades de treinamento para determinados ofícios — as quais, ressalte-se, o Senai desenvolve continuamente e não só quando ressoa o brado "Qualificados, Já!" — são atividades que, sem dificuldades maiores, cada empresa pode ela mesma desenvolver.

A educação para o desenvolvimento industrial, como a entende e pratica o Senai, implica em dar ao aluno formação que o capacite a ajustar-se — e, portanto, a sobreviver — à demanda atual de trabalhadores qualificados para o setor secundário da produção, e às rápidas e, não raro, radicais mudanças tecnológicas que o têm atingido e, certamente, hão de continuar a influenciá-lo, trazendo-lhe avanços que tendem a alijar da situação nova os trabalhadores que a ela não se adaptam. Daí a preocupação de preparar seus alunos não apenas para que se façam — ao nível inicial em que irão atuar — eficazes agentes da produção, mas agentes com sólida base educacional, capazes de acompanhar, sem empecilho maior, o impacto da evolução tecnológica. A boa formação fundamental deve permitir que diante deles se abra, sem dificuldades intransponíveis, o caminho da especialização no campo escolhido, bem como as trilhas da readaptação e da atualização. Por esse lado, o preparo que se ministra ao aluno é propedêutico do trabalho industrial. A esse preparo deve somar-se um processo de estímulo da capacidade de crítica, avaliação e escolha, um conduzir o aluno à consciência não só dos direitos como das responsabilidades sociais — e assim a educação para o desenvolvimento industrial se faz propedêutica do exercício da cidadania.

Sentirem-se aptos a isso há de propiciar aos alunos do Senai meios de continuado aperfeiçoamento profissional e crescente participação social — que é aspiração de todo trabalhador, e de satisfação pessoal — que é desejo de todo homem.

A pessoa é a fonte de todos os valores. Fiel à verdade que nessa frase se exprime procede o Senai, procurando proporcionar a educação que ensinará o desenvolvimento e, implicitamente, o desenvolvimento industrial.